

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO I, Nº06 JUNHO - PORTO VELHO, 2001
VOLUME I

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

6



OS RATOS NO SÓTÃO
DE UMA MEMÓRIA ROCK'N'ROLL

RUBENS VAZ CAVALCANTE (BINHO)

αΩ

Rubens Vaz Cavalcante (Binho)
Professor de Teoria da Literatura
ohnib@unir.br

**OS RATOS NO SÓTÃO
DE UMA MEMÓRIA ROCK'N'ROLL**

Dyonelio Machado. OS RATOS. São Paulo, Ática, 1999.

De há muito uma mania me acompanha: ler poesia e prosa escutando rock'n'roll. Resquícios do antigo roqueiro que virou intelectual? Ressaca do atual literato que nunca deveria ter saído da boêmia? De qualquer modo não é o momento nem vale a pena resolver tal impasse. Talvez o grande lance seja mantê-lo irresoluto. O que importa é que essa mania é uma saudável recorrência na vida do leitor que me frequenta. Digo assim das minhas idiossincrasias não por uma questão personalista, mas para ilustrar uma experiência que se dá no encontro das duas formas de expressão da arte que mais admiro: música e literatura. Quem quiser pode chamar a esta experiência de intersemiótica – eu deixo.

No final de semana próximo-passado (sempre senti vontade de usar essa justaposição), tive a oportunidade rara de ler o romance *Os ratos*, do escritor gaúcho Dyonelio Machado (1895-1985), publicado pela primeira vez em 1934. Modernista contemporâneo da geração de 30 - psiquiatra, jornalista e político militante do PCB -, Dyonelio publicou sua obra entre 1927 (*Um pobre homem*) e 1982 (*Passos perdidos*), em meio a um viver pontilhado de prisões e prêmios literários. A maioria de seus livros só foi publicada nas décadas de 60, 70 e 80. Os mais acolhidos pela crítica foram: *Os ratos* (1934) e *O louco do Cati* (1942). Particularmente (vejam o tamanho da peça que o cânone acadêmico nos prega), só tomei conhecimento da obra do Dyonelio Machado através do livro *40 Escritos*, do Arnaldo Antunes, no qual o multiartista republicou um artigo escrito para a *Folha* em 26/6/85, dez dias depois da morte do autor d'*Os ratos*. No referido artigo, o Arnaldo se confessa estranhado com a notícia da morte de Dyonelio: "O cara se abaixou para amarrar os sapatos, levou um tombo e morreu". Antunes viu a poesia ligando a morte e a obra do "cara", mas viu também que pouco ou nada se sabe do escritor gaúcho. Ouve-se ratos roendo a memória literária brasileira.

O livro *Os ratos* narra a saga de um dia na vida de um homem simples: Naziazeno Barbosa. Do "pega" com o leiteiro, logo nas primeiras horas do dia, por conta do atraso no pagamento, até o amanhecer do dia seguinte, o tempo do protagonista (e da narrativa) é desdobrado em espaços físicos e ambientes psicológicos nos quais são elencados comportamentos e tipos humanos esdrúxulos e vários. O tempo é quase simultâneo: "o tempo de uma história ou de uma seqüência narrativa desdobrada no espaço", diria Benedito Nunes. O narrador, num simulacro de discurso cinematográfico, finge contar a história como se estivesse fora da ação, por detrás das câmeras, mas seu envolvimento é tal que nos momentos de quase desistência do protagonista é ele quem o anima a continuar, criando novas perspectivas: "Se ele botasse no estômago qualquer coisa, mesmo um cafezinho, ainda agüentaria mais uma hora. E com esses cinco mil réis tentaria... a sorte!" (p. 57). Naziazeno atravessa as 24 horas mais longas da sua sedentária vida, entre funcionários públicos, agiotas, casas de penhores, guichês do bicho e cafés, em busca de uma felicidade que parecia custar pouco mas que lhe era cara: pagar o leiteiro. Nunca fantástica inversão de valores, vê seu problema resolvido,

a duras penas, pela marginália representada por Duque ("o agente, o corretor da miséria"), Alcides ("o vigarista") e Mondina ("o rábula"), depois de ter sido ridicularizado pelo Dr. Romeiro, seu diretor, diante dos outros funcionários (" – Tenho eu porventura alguma fábrica de dinheiro?..."). Há mais ética no submundo que nas relações legalizadas? Em vários momentos a voz que conduz a narrativa vê focinho no protagonista, "A seu lado, Naziazeno ergue-lhe um focinho humilde" (p. 83), e também nos adjuvantes: "o seu ar de pobreza, aquele focinho quieto e manso que vem ali ao seu lado, tirem-lhe qualquer ilusão"(p. 85), referindo-se a Alcides; "Seu focinho perdeu aquela expressão neutra e mansa" (p. 88), falando de Mondina; "Duque caminha meio passo na frente. Vai puxando... baixou o focinho, recolheu-o um pouco..." (p. 100). Afinal quem são os ratos? Humanos personalizados mamíferos roedores? Quem com Kafka fere com Kafka será ferido.

O que isso tem a ver com rock'n'roll? Tudo. O romance do Dyonelio é um autêntico thriller contemporâneo, na medida em que transforma o leitor num investigador dos maneirismos humanos. E um bom thriller tem sempre como trilha sonora uma boa seleção de rock. Apesar de até o presente instante não se ter falado em música, o próprio romance traz o seguinte enunciado:

Uma "ária" (ou qualquer coisa desse gênero). Vem de longe e de dentro da casa. Tem o som um tanto velado. Vai-se definindo melhor à medida que Naziazeno avança. Pouco a pouco aumenta de intensidade e clareza. É uma voz masculina, de tenor. Coisa conhecida... Soa muito forte, quando ele defronta a casa onde o rádio está tocando. Todo o bangalô parece estar vibrando – enorme caixa de música... A ária depois diminui, quase se apaga no intervalo das casas. Mas agora vem crescendo... crescendo... Até que ressoa com toda força outra vez defronte doutro prédio, doutra janela entreaberta... E dessa forma ela nunca se extingue. (p. 45)

Umberto Eco diz que "entre a intenção do autor ... e a intenção do intérprete ... existe a intenção do texto". Ele que me perdoe a *superinterpretação* mas, consideradas as intenções, isso que o texto *canta* é música urbana. Minha cultura musical intui que a música que sai pela "janela entreaberta" é uma ária-rock: *Strange Days*, a "voz masculina, de tenor" é a do poeta maldito do psicodelismo pop: Jim Morrison. Quem atualiza o texto não é o leitor? Então? Antes que alguém se pergunte vou adiantar: no momento em que eu lia esse trecho do livro, o CD *Surfing With the Alien*, do Joe Satriani, era a trilha sonora da minha leitura. E a música? *Crushing Day*. Coincidência ou não, a relação temática dessas músicas com o *estranho* e *esmagador* dia do Naziazeno é, no mínimo, instigante.

Continuando o investimento neste delírio lírico, reporto-me aos últimos capítulos do livro de Dyonelio Machado, momento em que se narra a noite em claro do protagonista, agenciada pelo chiado do que ele supunha ser insetos e intercalada pelos fragmentos da memória de seu *dia de cão*. O discurso fragmentário desse movimento do livro nos deixa ver cenas concomitantes como no cinema. O leitor *assiste* a narrativa cheio de temores e ânsias controladas, em parte pelo comodismo medroso do herói (ou seria anti-herói?) e em parte pelo retardamento do desfecho do enredo: são seis capítulos de extrema tensão e mistério até o desembocar num clímax revelador:

Um rufar – um pequeno rufar – por sobre a esfera do chiado, no forro... Ratos... são ratos! Naziazeno quer distinguir bem. Atenção. O pequeno rufar – um dedilhar leve – perde-se para um dos cantos do forro...

Ele se põe a escutar agudamente. Um esforço para afastar aquele conjunto amorfo de ruídozinhos, aquele chiado... Feito de várias notinhas geminadas, fininhas...

São os ratos!... (pp. 137-138)

No headphone do discman, *Hot rats*, do Frank Zappa, a todo volume, alimenta minha imaginação. A sintaxe do texto literário e a do texto melódico, suas sintonias: as frases fragmentárias, cheias de reticências e cortes abruptos; as escalas entrecortadas, cheias de silêncios e ruídos amorfos. A invenção narrativa digitalizada no virtuosismo sugestivo do tema instrumental: casamento perfeito entre os *riffs* dos ratos e os guinchos das guitarras... roendo... roendo... roendo... *ratos quentes*...

Caberia aqui contar o desfecho do romance. Os ratos roeram o dinheiro que pagaria o leiteiro? Naziazeno conseguiu dormir e ser feliz? Não contarei. Leiam o livro. Fico questionando cá com os botões: será que o Cazuza, como o Arnaldo, leu *Os ratos*? Assim mesmo vou cantarolando um trecho de *O tempo não pára*: "sua piscina está cheia de ratos/ suas idéias não correspondem aos fatos/ o tempo não pára".

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

HISTÓRIA DA MÚSICA OCIDENTAL

JEAN & BRIGITTE MASSIN
Nova Fronteira

RESUMO: Há hoje numerosos e excelentes dicionários e enciclopédias de música com ensinamentos os mais variados, mas sem dúvida mais raramente conduzem-nos a uma história satisfatória dessa arte até nossos dias, em sua maravilhosa trajetória através dos séculos: seus encontros, desenvolvimentos, o surgimento dos homens que não cessam de inventá-la e reinventá-la. Destinada aos leitores apaixonados pela música, praticantes e ouvintes, e a todos os que querem saber mais, esta história se abre com um léxico musical explicativo, um pouco como se entrega em mãos as chaves de uma fábrica.

SUMÁRIO: Léxico Musical Explicativo; Das Origens Cristãs ao Século XIV; Os Séculos XV e XVI; O Século XVII, A Primeira Metade do Século XVIII; A Primeira Metade do Século XVIII; A Segunda Metade do Século XVIII; No Limiar do Século XIX; Os Filhos do Século, A Segunda Metade do Século XIX; A Virada do Século XX; A Primeira Metade do Século XX; O Jazz; A Segunda Metade do Século XX.

Áreas de interesse: História, Arte, Música.

Palavras-chave: Música, História e Crítica, Arte.

LINKS

Música - Kraftwerk
www.tdb.cs.umu.se/~dvlawn/kreftwerk

Revista Junguiana
www.sbpa.org.br/revista.html

Centro Brasileiro de Filosofia Para Crianças
<http://www.cbfc.com.br>

Picasso
www.clubinternet.com/picasso

Literatura de Cordel
www.ssac.unicamp.br/suarg/cedae/cedae-flc-varal.html

Centro de Estudos Rurais e Urbanos
<http://www.usp.br/prpesq/ceru.htm>

Memorial do Imigrante
<http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br/historia.htm>

Portinari
www.lids.puc-rio.br/~pp

Egito
www.newton.cam.ac.uk:80/egypt
www.channel11.com/users/manssorm